

EFEITOS DE MODALIDADE NO PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA PARA A LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

Carlos Henrique Rodrigues¹

carlos.rodrigues@ufjf.edu.br

RESUMO: Neste trabalho, reflete-se sobre características processuais relacionadas ao desempenho de intérpretes de sinais e, também, sobre como eles lidam com os efeitos de modalidade. Para tanto, usamos dados decorrentes de um estudo empírico-experimental que abordou o desempenho de dois grupos interpretando um texto oral do Português para a Libras: Grupo A – bilíngues nativos em Língua de Sinais – CODAs e Grupo B – bilíngues não-nativos em Língua de Sinais. Gravação em vídeo, protocolos verbais retrospectivos e questionários foram usados como ferramentas de coleta de dados. Para a transcrição dos dados e anotações usamos o *EUDICO Linguistic Annotator*. Portanto, investiga-se e se analisa como dois intérpretes de sinais empregam estratégias de prolongamento e repetição como forma de monitoramento da velocidade de produção do texto alvo em relação à velocidade de recebimento do texto fonte. A análise realizada contribui para a compreensão da importância do monitoramento consciente do processo de interpretação em Língua de Sinais. Assim, consideramos a especificidade da interpretação de uma língua oral, Português, para uma língua espaço-visual, Libras, e observamos que investigar a atuação do intérprete no par-linguístico Libras-Português oferece um campo de análise no que diz respeito aos possíveis efeitos que a diferença de modalidade pode trazer ao processo de interpretação. Por fim, a análise sugere que estratégias de prolongamento e repetição servem como recursos de escuta e/ou reflexão para tomadas de decisão, frente (i) à interrupção de insumos do texto fonte, (ii) à necessidade de aguardar o enunciado completo e/ou (iii) aos problemas de interpretação.

PALAVRAS-CHAVE: Efeitos de Modalidade; Língua de Sinais; Processo de interpretação.

INTRODUÇÃO

Por volta de 1960, profissionais da interpretação passaram a investigar sua própria prática interpretativa, descrevendo-a com o objetivo de contribuir com as futuras gerações de intérpretes. Além disso, apropriaram-se de perspectivas metodológicas da Psicologia, tais como os métodos de introspecção, possibilitando a investigação de aspectos cognitivos e, conseqüentemente, impulsionando a consolidação e o avanço de pesquisas em interpretação (Pöchhacker, Shlesinger, 2002). Pöchhacker (2009) destaca que, mesmo com as pesquisas

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF.

iniciadas nos anos sessenta, o reconhecimento dos Estudos da Interpretação como campo disciplinar só teria ocorrido de fato na década de 1990.

Desde então, os Estudos da Interpretação têm crescido significativamente, destacando-se e se firmando como uma área distinta. Em meio a esse crescimento, encontramos as pesquisas sobre o processo de interpretação envolvendo a Língua de Sinais (LS), as quais passam a configurar uma vertente específica de estudos (Grbic, 2007) que lida não somente com a questão da interpretação entre línguas, mas, também, com o fato de essa interpretação ser entre diferentes modalidades (Padden, 2000; Isham, 1995). Portanto, a interpretação de uma língua oral (LO) para uma LS é impactada por certo efeito de modalidade, o qual fará da interpretação, LO-LS, um processo singular.

Considerando-se a especificidade da interpretação de uma LO para uma língua espaço-visual, apresentamos uma reflexão sobre como dois tradutores-intérpretes de língua de sinais (TILS) empregam estratégias de *prolongamento* e *repetição*, durante a interpretação simultânea do Português para a Libras, como forma de monitoramento da velocidade de produção do texto alvo (TA) em relação à velocidade de recebimento do texto fonte (TF) e, também, como mecanismo de apoio aos processos de solução de problemas de tradução e de tomadas de decisão.

Esclarecemos que para a construção deste texto foram utilizados dados decorrentes de um estudo empírico-experimental que abordou o desempenho de dois grupos de TILS, interpretando um texto oral do Português (com 13'30") para a Libras: Grupo A – bilíngues nativos em LS – CODAs (*Children of Deaf Adults* – Filhos de Surdos) e Grupo B – bilíngues não-nativos em LS.² Nesse estudo, empregamos, como ferramenta de coleta de dados, a gravação em vídeo da tarefa de interpretação, assim como os Protocolos Verbais Retrospectivos (conhecidos como TAPs – *Think-aloud Protocols*) e questionários. Para a transcrição dos dados e anotações utilizamos o ELAN³ (*EUDICO Linguistic Annotator*) desenvolvido pelo *Max Planck Institute for Psycholinguistics*.

² O recorte de dados para este texto compreende a tarefa realizada por dois TILS, um CODA e outro não. Como serão apresentados os dados de somente dois sujeitos não abordaremos questões referentes aos possíveis impactos do fato de ser ou não CODA sobre o processo de interpretação do Português para a Libras.

³ O *EUDICO Language Annotator* pode ser baixado no site <http://www.lat-mpi.eu/tools/elan/> em versões compatíveis com Windows e Mac. No site encontram-se todas as informações sobre o *software*, bem como manuais e um fórum de usuários.

1. A COLETA DE DADOS: TAREFA DE INTERPRETAÇÃO, TAPs E QUESTIONÁRIOS

Para a coleta de dados estabelecemos três etapas distintas: Etapa A (Tarefa) – interpretação simultânea do texto disponibilizado em áudio; Etapa B (TAPs Livres) – contato com a interpretação e coleta dos protocolos de forma livre e Etapa C (TAPs Dirigidos) – foco em um trecho específico da interpretação e coleta direcionada por perguntas, caso necessário. Ao fim da etapa C, aplicamos um questionário, visando à identificação mais detalhada do perfil dos TILS. Para a implementação do processo de coleta de dados, utilizamos (1) duas filmadoras com tripés, devidamente posicionadas em cada etapa da coleta; (2) um *Notebook*, para o contato com a interpretação e coleta dos TAPs; (3) TF impresso e dividido em partes, para auxiliar a localização de trechos da interpretação, permitindo destaques e registros; (4) caixas de som, para garantir uma boa altura e, portanto, inteligibilidade do áudio e (5) fones de ouvido, para que, durante a coleta dos TAPs, o áudio do texto interpretado não interferisse no áudio dos protocolos.

Como tarefa, solicitamos aos sujeitos que interpretassem para a Libras uma exposição acadêmica em Português, com duração de 13'30", a respeito da Educação de Surdos. A velocidade média do texto é de cerca de 143,1 palavras por minuto e 2,38 palavras por segundo. Essa velocidade de fala foi definida pelo cálculo do número de palavras do texto (1886 palavras) dividido pela sua duração total (13,5), incluindo as pausas entre um e dois segundos (46 pausas).

É importante esclarecer que as pausas exercem, conforme sua natureza, diferentes funções na organização do discurso oral. As pausas podem (i) demarcar as frases, bem como seus constituintes; (ii) destacar palavras ou trechos de acordo com os propósitos do falante; (iii) planejar a continuidade do discurso e (iv) organizar suas partes. Segundo Cotes (2007), essas funções podem nomear as pausas, respectivamente, *delimitativas*, *expressivas*, de *planejamento discursivo* e de *estruturação discursiva*. Além disso, essas pausas, segundo Mattoso Câmara (1966), podem ter função fisiológica (regulando a respiração), mental (organizando o pensamento), comunicativa (apoiando a ordenação das idéias) e rítmica ou fonética (estabelecendo um balanço rítmico nos enunciados).

Portanto, em relação à prosódia do TF, consideramos as hesitações e as pausas, propriamente ditas, como importantes marcadores. Para efeito de segmentação primária do TF, levamos em conta os espaços de silêncio superiores a 100 milésimos de segundo. Assim, com o intuito de melhor organizá-lo, o segmentamos em 484 trechos devidamente

enumerados, sendo que os trechos pares correspondem aos espaços de silêncio e os ímpares ao texto.

No início da coleta com cada sujeito, foram dadas as seguintes instruções: (1) o texto é uma exposição acadêmica sobre a Educação de Surdos; (2) a duração do texto é de 13'30" e (3) por ser uma interpretação simultânea, não será dado acesso anterior ao TF e, portanto, não é possível parar e reiniciá-lo. Perguntamos aos sujeitos sobre qual era o espaço que necessitavam para a sinalização do texto, com a finalidade de definir o enquadre das filmadoras. Os TILS consideraram os mesmos limites: (i) no plano vertical – cerca de um palmo sobre a cabeça até a altura da cintura e (ii) no plano horizontal – a distância dos antebraços estendidos e mãos abertas, com o braço encostado no corpo. Outra pergunta foi acerca do volume do som, para que se ajustasse o volume à necessidade de cada TILS e às especificidades de cada ambiente.

Após a tarefa de interpretação e, conseqüentemente, o registro do TA em vídeo (Etapa A), apresentamos ao intérprete esse registro para que o mesmo pudesse revê-lo durante sua interpretação, tecendo comentários sobre o como chegou àquele texto: dificuldades, escolhas, decisões, estratégias, etc. Assim, com os TAPs Livres (Etapa B) devidamente gravados, coletamos os TAPs Dirigidos (Etapa C). Com a tarefa registrada e os protocolos devidamente gravados, procedemos à transcrição dos TA, os quais estavam em Libras, e dos protocolos, em português.

2. A TRANSCRIÇÃO DOS DADOS: DESAFIOS DE UMA LÍNGUA ESPAÇO-VISUAL

Um dos desafios postos para as pesquisas que lidam com a investigação de LS é a forma de transcrição e representação dos dados, pois, embora as LS tenham ganhado notável visibilidade, principalmente, nos estudos linguísticos, elas ainda não possuem um sistema de escrita amplamente difundido e aceito e, portanto, são, na maioria das pesquisas, registradas através de imagens (desenhos e fotografias) e/ ou precários sistemas de transcrição⁴, os quais não conseguem dar conta das especificidades de sua modalidade espaço-visual. Ao refletir acerca da transcrição das LS, Brito (1995: 211) afirma que

⁴ Esses sistemas são conhecidos por alguns como sistemas de glosas ou de notação em palavras. Eles adotam letras e palavras grafadas em maiúsculo (usadas para representar os sinais) acompanhadas por códigos, palavras, letras e números sobrescritos ou subscritos para representar marcações não-manuais, quantificação, usos do espaço, etc.

analisar e transcrever uma língua de sinais é uma tarefa difícil, pois o modo de expressão – movimentos de mão executados no espaço próximo ao corpo, complementados por expressões faciais e atitudes – é a priori menos seqüencial que a fala.

Conforme explicam McCleary e Viotti (2005: 1) “apesar de as línguas sinalizadas já estarem sendo estudadas por lingüistas por quase meio século, o problema de sua transcrição continua sendo um desafio sem solução clara”. Portanto, a questão que se coloca é: como traduzir os dados da Libras, registrados em vídeo, em símbolos gráficos capazes de dar conta das nuances da interpretação e, ao mesmo tempo, evidenciar o uso que os TILS fazem da língua, tanto na exploração da simultaneidade quanto do espaço na construção das sentenças em Libras, de forma a atender às necessidades de nossa investigação?

Sabe-se que a escolha de um determinado sistema de transcrição demonstra as opções teóricas e metodológicas do pesquisador. Nenhuma transcrição é a expressão neutra ou objetiva de um evento, mas, ao contrário, é uma ação de (re)constituição dos dados coletados pelo pesquisador. Segundo Dörnyei (2007: 246), as transcrições são palavras, “construções interpretativas congeladas”. Não se reconstrói o contexto dos dados em sua transcrição, sendo que elas refletem escolhas do pesquisador, pois se perdem os aspectos não-verbais da situação comunicativa original e o pesquisador tem que decidir o que fazer com as informações supra-segmentais (estresse, entonação, aspectos paralingüísticos, ruídos, sons etc.) e com as falas “imperfeitas” (erros, repetições, gagueiras etc.).

Segundo Ochs (1979: 44), a transcrição é extremamente importante, pois “as transcrições são os dados do pesquisador” e, além disso, “é um processo seletivo que reflete os objetivos e as definições teóricas do pesquisador”.⁵ Assim, pode-se afirmar que a seleção do que preservar ou ignorar durante o processo de transcrição e o próprio sistema de transcrição escolhido afetam diretamente a análise dos dados, visto que a transcrição é parte constitutiva da própria análise (Ochs, 1979). McCleary e Viotti (2005: 25) destacam que

a questão da transcrição das línguas em geral, e das línguas sinalizadas em particular, vai além do aspecto meramente formal de uma boa documentação lingüística. Sistemas de transcrição bem elaborados se tornam lentes poderosas que nos ajudam a ver várias características das línguas que, sem eles, poderiam passar despercebidas.

Verificamos a necessidade de um sistema de transcrição capaz de dar conta das

⁵ *We consider this process (a) because for nearly all studies base on performance, the transcriptions are researcher's data; (b) because transcription is a selective process reflecting theoretical goals and definitions; and (c) because, with the exception of conversational analysis (Sacks, Schegloff, and Jeferson, 1974), the process of transcription has not been fore grounded in empirical studies of verbal behavior* (grifos da autora).

especificidades de uma língua de modalidade espaço-visual e de ressaltar os aspectos da interpretação em Libras que são essenciais à análise. Portanto, consideramos a transcrição como parte fundamental à análise dos dados coletados e entendemos que ela precisa ser capaz de destacar as marcas e as características presentes na interpretação em Libras, as quais evidenciam as escolhas dos intérpretes, o uso que fazem da Libras e de seus recursos, assim como de outras estratégias de interpretação. Entretanto, persiste uma tensão: se, por um lado, é desejável registrar o maior número possível de características significativas, capazes de enriquecer a análise, por outro lado, uma transcrição excessivamente carregada de minúcias pode comprometer e prejudicar a análise.

Refletindo-se acerca de como transcrever os dados da interpretação em LS, podemos afirmar que, por ser a Libras uma língua de modalidade espaço-visual, os sistemas convencionais de transcrição – que adotam a escrita alfabética das LO junto a sistemas simbólicos específicos – não dão conta, por si sós, das particularidades da interpretação em LS. McCleary e Viotti, ao tratar da transcrição das LS, afirmam que “os sistemas de transcrição em uso são limitados, e que sistemas mais adequados ainda estão em processo de desenvolvimento e experimentação” (McCleary, Viotti, 2005: 1). Segundo eles,

nos últimos cinquenta anos, várias propostas de representação das línguas sinalizadas têm sido apresentadas, e continuam sendo adaptadas, juntamente com propostas de sistemas de escrita para uso escolar e popular. Esses sistemas variam desde aqueles que são mais codificados/ analíticos, como o sistema de William Stokoe (Stokoe, 1960; Stokoe, Casterline, Croneberg 1965), até aqueles que são mais gráficos/ icônicos, como o sistema de SignWriting, de Valerie Sutton (Sutton, 1996), ambos baseados em traços (ou parâmetros) distintivos (Martin, 2000). Esses sistemas não têm atingido aceitação geral na literatura lingüística, pela dificuldade de leitura que apresentam para pessoas não especialmente treinadas (McCleary, Viotti, 2005: 2).

Sabe-se que usar uma palavra do Português, por exemplo, para se registrar (escrever) um determinado sinal pode “levar a uma percepção equivocada de que existiria uma relação biunívoca entre o léxico da Língua Portuguesa e o léxico da Libras” (Silva, Rodrigues, 2007: 371). Assim, usar sistemas de transcrição que recorrem ao uso do léxico do Português no registro escrito da LS, pode se tornar um complicador à medida que reduz a Libras, de modalidade espaço-visual, ao registro escrito do Português. Esses sistemas de transcrição, ancorados no sistema de escrita alfabético, estão limitados, dentre outros fatores, por sua “impossibilidade de registrar as características fonológicas dos sinais de uma língua espaço-visual” (Silva, Rodrigues, 2007: 373).

Contrapondo-se a essa forma comum de registro de informações e dados em LS, feita

através de imagens ou sistemas de transcrição baseados na grafia das LO ocidentais, surgiu, durante as últimas décadas do século XX, um sistema gráfico de escrita das LS,⁶ denominado *SignWriting* (SW). Embora o SW não esteja sendo usado funcionalmente no dia-a-dia dos grupos de surdos espalhados pelo mundo, aos poucos ele vem ganhando visibilidade e se tornando meio de registro das LS e objeto de pesquisas. Vale dizer que formas de escrita das LS não surgiram de forma espontânea em meio aos surdos, certamente devido a uma série de fatores históricos e sociais que envolvem sua história e a das LS.

Com base nessas possibilidades extremas de transcrição e nas considerações de pesquisadores da área (Brito, 1995; McCleary, Viotti, 2005; Quadros, Pizzio, 2007, 2009; Leite, 2008; McCleary, Viotti, Leite, 2010), optamos por empregar um sistema de transcrição que, minimamente, fosse capaz de nos oferecer uma visão ampla dos dados como um todo, permitindo que os mesmos pudessem ser abordados e explorados por diferentes vieses. Assim, para potencializar a transcrição, padronização e informatização dos dados, bem como a flexibilidade em sua exploração, decidimos utilizar o *software* ELAN (*EUDICO Language Annotator*).

Essa escolha deve-se, também, ao fato de que diversos pesquisadores brasileiros, inclusive do *Grupo Estudos da Comunidade Surda: Língua, Cultura e História* da Universidade de São Paulo (USP) e do *Grupo de Pesquisa em Aquisição da Língua Brasileira de Sinais* da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), têm usado o ELAN como ferramenta profícua para a transcrição de dados em LS, assim como em sua padronização e disponibilização. Segundo Quadros e Pizzio (2009), o ELAN

é uma ferramenta de anotação que permite que você possa criar, editar, visualizar e procurar anotações através de dados de vídeo e áudio. Foi desenvolvido no Instituto de Psicolinguística Max Planck, Nijmegen, na Holanda, com o objetivo de produzir uma base tecnológica para a anotação e a exploração de gravações multimídia. ELAN foi projetado especificamente para a análise de línguas, da língua de sinais e de gestos, mas pode ser usado por todos que trabalham com corpora de mídias, isto é, com dados de vídeo e/ou áudio, para finalidades de anotação, de análise e de documentação destes.

Como ferramenta útil para a transcrição e análise linguística, o ELAN permite um

⁶ No Brasil, foi proposto, pela linguista Mariângela Estelita, um sistema de escrita de sinais denominado de ELiS. Baseado no sistema de notação de Stokoe, o ELiS foi divulgado em 1997 e, desde então, recebeu vários nomes e passou por diversas transformações. Ele é um sistema de escrita linear, da esquerda para direita, que registra as unidades mínimas das palavras, os quirografemas (letras), os quais formam os quirogramas (palavras). Estelita, M. *ELiS: Escrita das Línguas de Sinais*. In: Quadros, R. M.; Perlin, G. (Org.) *Estudos Surdos II*. Petrópolis: Arara Azul, 2007. pp. 213-237.

Além do ELiS, também, encontramos o SEL, um sistema de natureza trácica para a escrita de línguas de sinais que visa ser funcional, o qual está sendo desenvolvido por um grupo de pesquisadores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Lessa-de-Oliveira, A. S. C. *A Escrita SEL: um sistema de escrita trácica para a Libras*. Disponível em: <[http://www.abralin.org/abralin11_cdrom/artigos/Adriana_Lessa_de_Oliveira .pdf](http://www.abralin.org/abralin11_cdrom/artigos/Adriana_Lessa_de_Oliveira.pdf)>.

número ilimitado de registros subdivididos em trilhas específicas, conforme a necessidade do pesquisador. Essas trilhas, sincronizadas com o tempo do áudio ou do vídeo, podem ser vinculadas ou segmentadas e rotuladas independentemente. Em sua interface, o *software* possibilita que as trilhas sejam ordenadas, ocultadas ou visualizadas, segundo os propósitos da pesquisa ou de acordo com o aspecto investigado. Nesse sentido, é possível buscar anotações específicas e visualizar diferentes blocos de registros simultaneamente. Além disso, o ELAN é de fácil manuseio, tem atualizações recentes e aceita que se exportem as transcrições em diferentes formatos e com diversas informações, inclusive como documentos de texto.

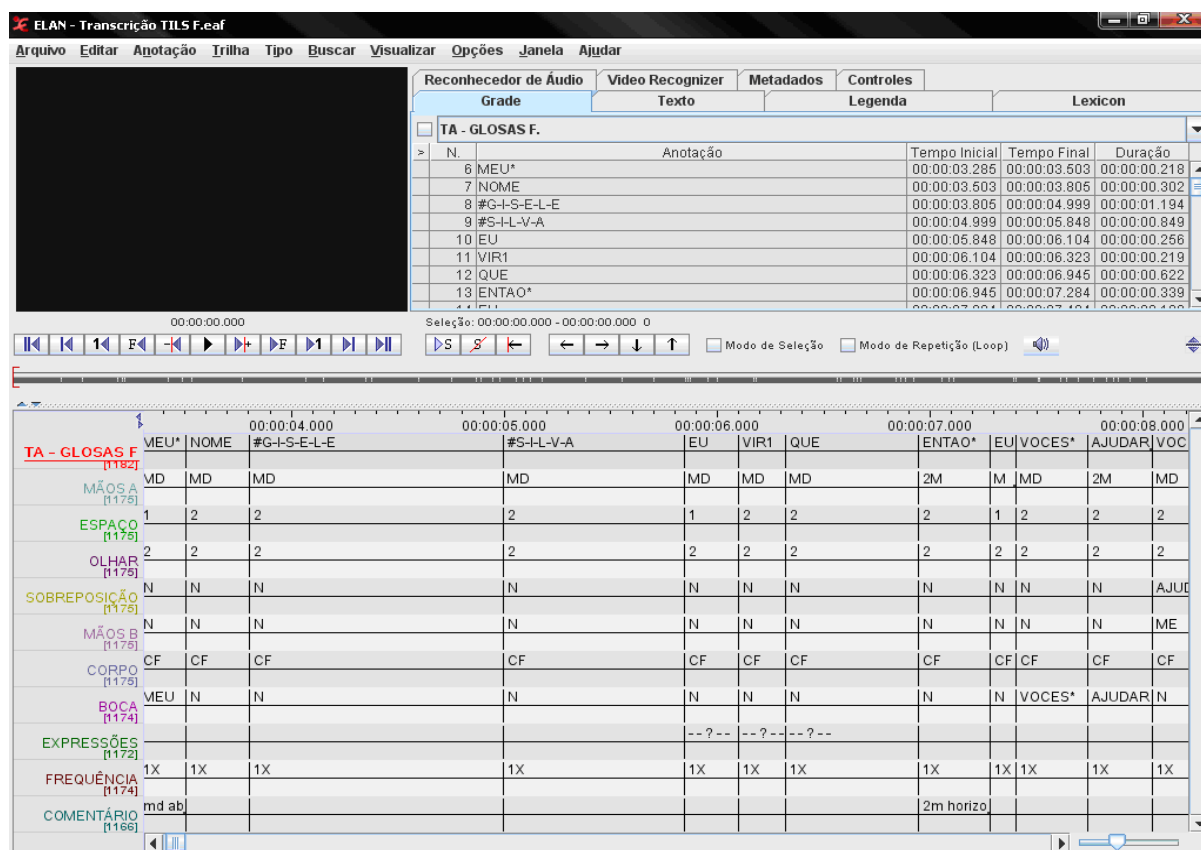


Figura 1: Exemplo da interface do ELAN.

Outro fator interessante é que o ELAN comporta a sincronização e visualização de até quatro vídeos simultaneamente, assim como diferentes opções de visualização em relação ao tamanho da tela, à velocidade do vídeo e à própria navegação pelo vídeo. Esses recursos possibilitam que os sinais e suas relações sejam observados de forma mais apurada, o que amplia as possibilidades de uma transcrição mais precisa ou detalhada, caso necessário. É possível, também, utilizar *vocabulários controlados*, os quais dizem respeito a determinados valores, definidos previamente, que podem ser escolhidos e inseridos mais rapidamente durante a transcrição, tornando-a mais ágil, diante do uso frequente de um determinado valor.

McCleary, Viotti e Leite (2010) apresentam de forma sistematizada uma proposta para a transcrição de LS com base no uso do ELAN. Tal proposta organiza diferentes aspectos dos sinais em trilhas específicas capazes de detalhar as marcações manuais e, até mesmo, não-manuais das LS. As reflexões apresentadas por esses pesquisadores contribuíram significativamente com a organização e definição do sistema de transcrição empregado nesta pesquisa. Entretanto, considerando que não objetivamos a descrição linguística da LS, construímos uma proposta específica de transcrição capaz de atender, minimamente, aos nossos objetivos.

É evidente que o uso do ELAN exige que utilizemos o sistema alfabético, um sistema de notação em palavras, para a identificação dos sinais da Libras. McCleary, Viotti e Leite (2010) alertam acerca das precauções necessárias no uso do sistema de glosas, visto que é imprescindível, segundo eles, que a glosa esteja associada à forma do sinal.

Levando em conta os sinônimos (sinais distintos que podem receber a mesma glosa), as variações regionais e microrregionais e os muitos processos fonológicos que podem mudar a forma básica de um sinal na sua produção em contexto, fica claro que a forma com que os sinais aparecem no discurso, muitas vezes, não pode ser recuperada apenas com base nas glosas atribuídas. Além disso, muitas vezes, ao fazer a transcrição de um trecho de discurso sinalizado, o pesquisador traduz o sinal, com base no sentido que o sinal tem naquele contexto de uso específico, embora tal tradução nem sempre aponte univocamente para o sinal que está sendo realizado (McCleary, Viotti, Leite, 2010: 269-70).

Portanto, após diversas reflexões, concluímos que, com os devidos cuidados, esse sistema de glosas, enriquecido com os recursos do ELAN, atende razoavelmente aos propósitos de nossa pesquisa. Assim, conscientes das implicações do uso de glosas na transcrição das LS, empregamos um sistema padronizado de glosas, já que, como relatamos acima, as LS não possuem um sistema de escrita que possa ser usado na transcrição. Para tanto, utilizamos como base os sinais da Libras contidos no Novo Deit-Libras de Capovilla, Raphael e Maurício (2010). Assim, para os sinais dicionarizados empregamos o mesmo nome em Português dado a eles no Dicionário, sendo que para transcrever os sinais não dicionarizados, atribuímos uma palavra específica a eles, marcando-os na transcrição com asterisco (*) e os descrevendo na trilha destinada aos comentários. Assim, tal denominação foi convencionalizada como o nome do sinal e nos casos de reincidência foi mantida.

A necessidade de padronização, sistematização e informatização da transcrição dos TA deve-se, dentre outros, à necessidade de se comparar os TA entre si, estabelecendo relações entre eles com o propósito de encontrar recorrências e/ou outros aspectos recorrentes que possam contribuir com nossa investigação do processo de IS de uma LO para

uma de sinais, em nosso caso, do Português para a Libras. Nessa direção, estabelecemos onze trilhas, com as seguintes especificações e características gerais: (1) Texto Alvo/ Glosas - registrar as glosas, em Português, com base em Capovilla, Raphael e Maurício (2010); (2) Mãos A - indicar a(s) mão(s) empregadas na realização do sinal; (3) Espaço - marcar o espaço em que o sinal é articulado; (4) Olhar - registrar a direção do olhar; (5) Sobreposição - registrar as glosas, em Português, dos sinais sobrepostos, com base em Capovilla, Raphael e Maurício (2010); (6) Mãos B - indicar a(s) mão(s) empregadas na realização do sinal sobreposto; (7) Corpo - marcar a direção do corpo durante a realização do sinal; (8) Boca - indicar os movimentos perceptíveis da boca relacionados à língua oral; (9) Expressão - marcação e/ ou descrição das expressões corporais faciais; (10) Frequência - indicação da repetição de movimentos em um mesmo sinal; (11) Comentário - registro de comentários gerais sobre a transcrição.

A transcrição dos TA no ELAN seguiu duas etapas específicas: a primeira consistiu na identificação livre e segmentação de cada elemento do TA, de cada sinal; e a segunda, consistiu na identificação de cada um dos sinais no Novo Deit-Libras, padronizando-se as glosas e realizando as anotações em cada uma das trilhas. Após a conclusão do processo de transcrição no ELAN, exportamos os dados contidos na primeira trilha (Texto Alvo – Glosas) e acrescentamos a eles informações e anotações relacionando o TA ao TF, o qual já havia sido devidamente transcrito e segmentado no ELAN, com base nas pausas superiores a 100 milésimos de segundo.

Bloco	N.	TT - GLOSAS F.	Tempo Inicial	Tempo Final	Duração	Trecho	PPS x SPS	Observações
	1	LAGTIME	00:00:00.000	00:00:01.000	00:00:01.000			
BLOCO 01 – Apresentação	2	OLA*	00:00:01.000	00:00:01.403	00:00:00.403	1	62p 25"03 2,48 PPS	
	3	BOA-NOITE1	00:00:01.403	00:00:02.167	00:00:00.764			
	4	POSITIVO*	00:00:02.167	00:00:02.827	00:00:00.660			
	5	VOCES**	00:00:02.827	00:00:03.285	00:00:00.458			
	6	MEU*	00:00:03.285	00:00:03.503	00:00:00.218	3	51s 28"13 1,82 SPS	
	7	NOME	00:00:03.503	00:00:03.805	00:00:00.302			
	8	#G-I-S-E-L-E	00:00:03.805	00:00:04.999	00:00:01.194			
	9	#S-IL-V-A	00:00:04.999	00:00:05.848	00:00:00.849			
	10	EU	00:00:05.848	00:00:06.104	00:00:00.256	5 7 9 11 13		Prolongamento do sinal REFLEXAO3 para aguardar a complementação do enunciado e de HOJE3 para aguardar o próximo. Interrupção do sinal XPESOA2, com ponto de articulação na testa, e sua substituição por PESSOA2, localizado no espaço.
	11	VIR1	00:00:06.104	00:00:06.323	00:00:00.219			
	12	QUE	00:00:06.323	00:00:06.945	00:00:00.622			
	13	ENTAO*	00:00:06.945	00:00:07.284	00:00:00.339			
	14	EU	00:00:07.284	00:00:07.404	00:00:00.120			
15	VOCES*	00:00:07.404	00:00:07.745	00:00:00.341				
16	AJUDAR4	00:00:07.745	00:00:08.046	00:00:00.301				
17	VOCES*	00:00:08.046	00:00:08.286	00:00:00.240				
18	REFLEXAO3	00:00:08.286	00:00:10.147	00:00:01.861				
19	COMO	00:00:10.147	00:00:10.462	00:00:00.315				
20	ENSINAR	00:00:10.462	00:00:11.128	00:00:00.666				

Figura 2: Exemplo de transcrição do TA com análise.

O processo de transcrição possibilitou que as interpretações em Libras fossem observadas minuciosamente e por sucessivas vezes. Essa releitura contínua dos dados contribuiu com a padronização e sistematização da transcrição e, por sua vez, com a percepção de aspectos específicos do processo de interpretação, bem como com o contraste entre o TF e os TA. Entretanto, é evidente que esse processo foi amparado pelos conhecimentos que possuo sobre a LS, sendo que as escolhas, por mais que tenhamos buscado a padronização e a sistematização, guardam certa perspectiva interpretativa, construída a partir de minhas impressões sobre os dados e conduzida de forma consciente e cautelosa. Nesse sentido, transcrevemos aqueles aspectos que consideramos significativos para a compreensão do processo de interpretação entre uma LO e uma LS, os quais contribuem com a compreensão das características específicas de uma língua de modalidade espaço-visual.

É necessário esclarecer que o áudio do TF foi inserido no ELAN e devidamente transcrito, inclusive utilizando o *Silence Recognizer MPI-PL*, disponível no reconhecedor de áudio do ELAN, o qual possibilitou que o fragmentássemos com base em seus espaços de silêncio, superiores a 100 milésimos de segundo. Nessa transcrição preliminar não utilizamos convenções de transcrição, salvo nos momentos de interrupção abrupta da fala, marcados com hífen (-) e aspas (“ ”) para a citação de fala de outras pessoas. O texto devidamente transcrito foi exportado e organizado como se observa a seguir.

Bloco	N.	Texto	Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
BLOCO 01 – Apresentação	1	boa noite gente	00:00:00.000	00:00:01.040	00:00:01.040
	2	157	00:00:01.040	00:00:01.197	00:00:00.157
	3	eh meu nome é giselli silva	00:00:01.197	00:00:03.091	00:00:01.894
	4	597	00:00:03.091	00:00:03.688	00:00:00.597
	5	e eu vim aqui hoje	00:00:03.688	00:00:04.775	00:00:01.087
	6	124	00:00:04.775	00:00:04.899	00:00:00.124
	7	pra	00:00:04.899	00:00:05.530	00:00:00.631
	8	110	00:00:05.530	00:00:05.640	00:00:00.110
	9	trazer algumas reflexões pra vocês sobre	00:00:05.640	00:00:07.989	00:00:02.349
	10	357	00:00:07.989	00:00:08.346	00:00:00.357
	11	a	00:00:08.346	00:00:08.562	00:00:00.216
	12	169	00:00:08.562	00:00:08.731	00:00:00.169
	13	educação de surdos na atualidade	00:00:08.731	00:00:10.783	00:00:02.052
	14	489	00:00:10.783	00:00:11.272	00:00:00.489
	15	e principalmente a respeito do ensino de língua portuguesa pra surdos	00:00:11.272	00:00:15.293	00:00:04.021
	16	1350	00:00:15.293	00:00:16.643	00:00:01.350
	17	eh minha apresentação vai ser sucinta mas espero que a gente possa	00:00:16.643	00:00:20.333	00:00:03.690
	18	320	00:00:20.333	00:00:20.653	00:00:00.320
	19	desenvolver um novo olhar	00:00:20.653	00:00:22.143	00:00:01.490
	20	430	00:00:22.143	00:00:22.573	00:00:00.430
	21	sobre o ensino de português pra esse grupo	00:00:22.573	00:00:25.137	00:00:02.564
	22	1139	00:00:25.137	00:00:26.276	00:00:01.139

Figura 3: Exemplo de transcrição do TF.

O TF ficou com um total de 484 trechos devidamente enumerados, sendo que os trechos pares correspondem aos espaços de silêncio e os ímpares ao texto propriamente dito. Para facilitar a análise, também, organizamos o TF em oito blocos, como abaixo:

BLOCOS	TRECHO	INTERVALO
01	Apresentação	01 – 21
02	Introdução	23 – 121
03	Educação Bilíngue (parte A)	123 – 173
04	Educação Bilíngue (parte B)	175 – 237
05	Relação com a Escrita (parte A)	239 – 315
06	Relação com a Escrita (parte B)	317 – 431
07	Conclusão	433 – 469
08	Fechamento	471 – 484

Tabela 1: Blocos do TF

Ressaltamos que o TF é uma apresentação acadêmica oral e, portanto, possui características da linguagem falada, dentre as quais podemos citar as marcas prosódicas (pausas, entonações, hesitações etc) e os marcadores conversacionais, elementos de variada natureza, estrutura, dimensão e complexidade que servem de elo entre unidades comunicativas, contribuindo com a dinamicidade e expressividade do texto oral.

3. EFEITOS DE MODALIDADE: A INTERPRETAÇÃO PARA A LÍNGUA DE SINAIS

Após essa contextualização da pesquisa e antes de focarmos a questão dos efeitos de modalidade sobre a interpretação, é importante falarmos da diferença da velocidade do TF e dos TA, visto que a velocidade média do fluxo de produção dos TA (1,46 sinais por segundo e 1,53 sinais por segundo) é significativamente inferior à do TF (2,38 palavras por segundo). Essa diferença na velocidade média do fluxo de produção da interpretação em LS pode ser atribuída à diferença do fluxo de produção de uma LO e de uma LS, visto que as últimas são de modalidade espaço-visual e também mais sintéticas que as LO, de modalidade oral-auditiva (Klima, Bellugi, 1979; Fernandes, 2003).

	VELOCIDADE MÉDIA DO TA				
	TOTAL DE SINAIS	PAUSAS	SPM*	SPS*	%**
TILS Y	1162	20	87,55	1,46	61,18
TILS X	1223	16	91,78	1,53	64,13

Tabela 2: Velocidade Média dos TA

* Respectivamente, Sinais Por Minuto e Sinais Por Segundo.

** Porcentagem do fluxo de produção do texto alvo em relação ao fluxo de produção do texto fonte

Klima e Bellugi (1979: 181-194) apresentam uma pesquisa realizada sobre a taxa de produção de sinais e de palavras em falantes bilíngues, filhos de surdos sinalizadores

(CODAs), nativos em inglês e em Língua de Sinais Americana (ASL). Eles verificaram que a taxa de produção de sinais é cerca de metade da taxa de produção de palavras. Fato que de certa maneira é corroborado pelas taxas encontradas nesta pesquisa, ainda que os TA não tenham sido produzidos espontaneamente.⁷ Além disso, Klima e Bellugi (1979), também, constataram que, nas duas línguas investigadas, os sujeitos produziram o mesmo número de proposições, sendo que a taxa de informações, por minuto, encontrada foi semelhante. Portanto,

as sentenças no inglês, no inglês sinalizado e na ASL [língua de sinais americana] podem transportar a mesma mensagem proposicional, mas elas se diferenciam grandemente no número de itens lexicais necessários para transportar essa mensagem e nas maneiras em que esses itens são elaborados. São os dispositivos linguísticos específicos da Língua de Sinais Americana que possibilitam que a sua taxa de proposição seja idêntica a da língua oral, na qual a taxa de articulação de um item é o dobro da sua (1979: 193).⁸

Embora não tenhamos o objetivo de verificar taxas de produção de palavras e de sinais e, também, não tenha sido realizada em condições necessárias para tal investigação, ela evidencia a significativa diferença entre as taxas de produção em Português e em Libras. Nesse sentido, acreditamos que o que se aplica ao inglês e à ASL, também pode ser estendido a outros pares linguísticos, tais como o Português e a Libras.⁹

Vale destacar que, por se tratar da investigação do processo de interpretação, espera-se que ambos os textos, TF e TA, expressem a “mesma mensagem”, proposições que se assemelhem interpretativamente (Gutt, 1991, 2000a, 2000b). Nesse sentido, tomando como base pesquisas sobre as LS (Klima, Bellugi, 1979; Brito, 1995; Quadros, Karnopp, 2004) é possível afirmar que, embora haja diferença na velocidade de produção do TA, em relação ao TF, ela é possível, sem detrimento da mensagem, devido aos *dispositivos linguísticos específicos* das LS, os quais estão diretamente vinculados à sua modalidade espaço-visual. Segundo Klima e Bellugi (1979: 194),

⁷ Acredito que a produção dos textos alvo tenha ficado em cerca de 60% da produção do texto fonte, mais que a taxa de 50% apontada por Klima e Bellugi (1979), devido ao fato de os intérpretes terem que se ajustar ao máximo ao ritmo do orador e não simplesmente ao fato de se tratar de outra língua de sinais, que não seja a ASL, e de outra língua oral, nesse caso o Português.

⁸ *English, Sign English, and ASL sentences may convey the same propositional message, but they differ greatly in the number of lexical units required to convey that message and in the ways those units are elaborated. It is the special linguistic devices of American Sign Language that make possible a proposition rate for ASL identical to that of a spoken language in which the unit articulation rate is double its own.*

⁹ Esse fato é corroborado por pesquisas em outros pares linguísticos, tal como a pesquisa com o Cantonês e a Língua de Sinais Chinesa (Yan Ka Lee, 1993), as quais encontraram taxas de produção semelhantes às encontradas por Klima e Bellugi (1979).

processos cognitivos subjacentes à linguagem podem muito bem criar uma taxa ótima de produção de proposições, independente da modalidade da língua. De modo que, sob pressão de tempo, uma língua de sinais, com articulação comparativamente reduzida, pode explorar as possibilidades de elaboração simultânea de significado que existe na modalidade espaço-visual.¹⁰

O fato de as LS explorarem intensamente a simultaneidade na constituição dos sinais e dos enunciados; de não dependerem essencialmente do uso de preposições, conjunções e artigos, por exemplo; junto ao fato de as relações sintáticas serem construídas pela exploração do espaço e dos sinais poderem ser enriquecidos, em si mesmos, com informações gramaticais, concorre para que, no geral, as mesmas sejam mais sintéticas que as LO (Klima, Bellugi, 1979; Brito, 1995; Fernandes, 2003; Quadros, Karnopp, 2004). Esse fato foi observado, também, quando comparados o TF e os TA nesta pesquisa. Segundo Klima e Bellugi (1979: 194),

a ASL economiza realizando-se sem os morfemas gramaticais usados no Inglês; a ASL tem maneiras específicas de condensar informação linguística, muito diferentes das maneiras das línguas orais, como o Inglês. (1) o uso estruturado do espaço, (2) as modulações sobrepostas do movimento dos sinais e (3) o uso simultâneo de expressão facial para propósitos gramaticais permitem que se condensem informações sem um significativo aumento do tempo de produção.¹¹

Essa diferença de modalidade certamente tem implicações sobre o processo de interpretação, visto que os TILS transitam, não somente entre duas línguas, mas, também, entre duas modalidades. Para Padden (2000: 170) “quando os intérpretes de língua de sinais interpretam, as duas dimensões [duas modalidades e duas línguas] se unem de maneiras interessantes¹²”. Considerando-se que os sinais têm uma taxa de produção menor que as palavras e que a LS, por sua vez, emprega *dispositivos linguísticos específicos* capazes de compensar essa baixa taxa de produção e, assim, manter a mesma taxa de produção de proposições, é possível inferir que interpretar entre diferentes modalidades têm implicações específicas, as quais precisam ser mais bem investigadas.

Como a situação é de interpretação simultânea, a fluência do TF, o estilo do autor desse texto e a velocidade com a qual ele é produzido, interferem no processo de construção

¹⁰ *Cognitive processes underlying language might well create an optimal production rate for propositions, regardless of language mode. Under such temporal pressure, a relatively slowly articulated language of signs might well exploit the possibilities of simultaneous elaboration of meaning which exist in the visual-spatial mode.*

¹¹ *ASL economizes by doing without the kinds of grammatical morphemes that English uses; ASL has special ways of compacting linguistic information which are very different from those of spoken language like English. (1) The structured use of space, (2) the superimposed modulations of the movement of signs, and (3) the simultaneous use of facial expression for grammatical purposes permit compacting of information without significantly increasing production time.*

¹² *When sign language interpreters are at work, the two dimensions come together in interesting ways.*

do TA (Gerver, 1969). Considerando isso, perguntamos aos sujeitos acerca da velocidade do texto (taxa de produção) e, também, da possível interferência de algum outro elemento da fala ou de sua fluência sobre a interpretação. Reiteramos que, neste texto, apresentamos dados de somente dois TILS, os quais estão caracterizados no quadro abaixo:

	TILS X	TILS Y
Contato com a Libras	Filho de Surdos (CODA)	Há 17 anos
Familiares com surdez	Pai, mãe, tios e primos	Primo (<i>não falante de Libras</i>)
Formação em Libras	Nenhum curso	Vários cursos
Formação em Tradução/interpretação	Sim (cursos livres)	Sim (cursos livres e graduação)
Experiência como TILS	Mais de 15 anos	Mais de 10 anos
Trabalho veiculado na mídia	Sim, mais de um.	Sim, mais de um.

Tabela 3: Perfil dos TILS

A velocidade média do TF é de aproximadamente 143,1 palavras por minuto, uma velocidade considerada normal, visto que de acordo com alguns estudos, a taxa comum de produção do Português por brasileiros varia entre 130 e 180 palavras por minuto (Behlau, Pontes, 1995; Kyrillos, Cotes, Feijó, 2003). Ambos os intérpretes consideraram a velocidade do TF adequada. Contudo, destacaram que certas hesitações¹³, marcadores conversacionais¹⁴ e pausas¹⁵ não concorrem diretamente para a interpretação para a LS.

Portanto, com relação ao questionamento acerca da interferência da velocidade do TF na construção do TA, temos o seguinte:

Não. A fala rápida não foi, acho que foi uma fala normal, né, corrente. Eu acho que faz parte, também, de qualquer discurso na língua portuguesa. Você vai ter lacunas de tempo, porque às vezes a pessoa fala “eh...”, “né...”, “oh...”, e que você não tem como repetir isso em língua de sinais, ou você abaixa o braço, ou você vai repetir o sinal mais de uma vez pra poder suprir esse tempo, mas a velocidade em si não achei nenhum problema. Tem essas questões que, às vezes, a professora, ela demora um pouco a concluir um pensamento e com isso ela mesmo fica um pouco mais, tem um pouco mais de morosidade na fala dela e que, às vezes, a gente tem que colocar isso na língua de sinais. Às vezes, ou fazer um sinal mais devagar, ou pensar em repetir um sinal. Enfim, não dá pra você fazer “eh eh eh eh” “né né né”, você tem que... Eu acho que a velocidade foi tranquila. TILS Y

Não. Eu achei um texto tranquilo. Não achei ele nem rápido e nem lento. Muito tranquilo! Não tem nenhum elemento não... não é que interfira, mas, eh, alguns segundos eu tinha que esperar pra ter uma idéia do que ela ia falar, são... que durante a interpretação, são alguns segundos que no momento ali parecem uma eternidade [...] Então, esse tempo que eu dou, né, eu acho que eu uso muito a expressão facial quando eu fico esperando, assim, essa minha necessidade de “esperar”, entre aspas, às vezes, né, na interpretação, em vários momentos, eu uso a expansão e repito. Às vezes, eu repito para reforçar, às vezes eu repito o sinal porque eu tô esperando pra ver o que vem,

¹³ De forma geral, compreendemos a hesitação como *uma interrupção do fluxo de produção do texto devido a alguma dificuldade em seu processamento ou verbalização*.

¹⁴ De forma geral, compreendemos os marcadores conversacionais como *elementos característicos da fala oral, os quais são de variada natureza, estrutura, dimensão e função*.

¹⁵ De forma geral, compreendemos as pausas como *momentos de silêncio (não-produção de fala), durante a produção do texto, os quais podem ser de diferentes naturezas e possuir distintas funções*.

ou porque ali, naquele tempo que eu tive durante a minha interpretação, eu não consegui pensar em outro sinal e o sinal que eu tô fazendo ele tá casando com o contexto, com o que tá sendo dito, então eu continuo com o sinal, ou com sua expansão, repetição, um ou outro. TILS X

Percebemos que a modalidade espaço-visual favorece, em alguns casos, o significativo prolongamento de sinais, dito de outro modo, a realização de sinais mais lentamente, com uma duração maior, como apontam acima os TILS. Isso porque é possível, inclusive, que se congele um sinal ou que se mantenha seu movimento por um período maior, sem a necessidade de interromper sua realização com pausas, que nesse caso seriam momentos de *repouso* dos braços, sem emissão de sinais. Nesse sentido, assim como as pausas têm um papel central na organização e planejamento da produção da LO, expressando inclusive, intensificação de processamento cognitivo, no caso do processo de interpretação, acreditamos que o prolongamento do sinal ou sua imediata repetição, podem evidenciar elementos do processamento cognitivo da interpretação por parte dos TILS.

Com o objetivo de observar essa variação na realização dos sinais, por ambos os intérpretes, optamos por escolher um dos sinais que fosse mais recorrente em ambas as interpretações. Portanto, selecionamos o sinal LINGUA-DE-SINAIS, o qual é o segundo sinal de maior incidência na interpretação do TILS Y (48 vezes) e o terceiro na interpretação do TILS X (48 vezes). Considerando-se a ocorrência desse sinal foi possível observar como a duração de um mesmo sinal varia significativamente no decorrer da interpretação.

	SINAL	DURAÇÃO MÍNIMA	DURAÇÃO MÁXIMA	DURAÇÃO MEDIANA
TILS Y	LINGUA-DE-SINAIS	0.259	3.951	0.759
TILS X	LINGUA-DE-SINAIS	0.259	2.828	0.672

Tabela 4: Duração de Sinais (em milésimos de segundo)

Em ambas as interpretações, percebemos uma variação significativa de mais 2,5 segundos entre a duração mínima e máxima do sinal (LINGUA-DE-SINAIS). No caso do sinal LINGUA-DE-SINAIS é possível perceber que o seu prolongamento coincide não somente com a necessidade de aguardar a complementação dos enunciados, mas também com a necessidade de atribuir outros sentidos ao sinal, como, por exemplo, o ato de se ler o texto por meio da sua sinalização.

Considerando essa possibilidade de se prolongar um sinal, é interessante verificar a variação de alguns sinais nos TA. De maneira geral, podemos observar a diferença com relação à produção, em cada TA, de alguns sinais (o mais breve e o mais longo) durante o

processo de interpretação. O sinal de maior duração realizado pelo TILS Y tem 3 segundos e 951 milésimos de segundo (LINGUA-DE-SINAIS) e o mais breve 120 milésimos de segundo (EU). Já o sinal de maior duração do TILS X tem 3 segundos e 443 milésimos de segundo (MESMO2) e o mais breve 82 milésimos de segundo (BEBER1).

	SINAL	VEZES	DURAÇÃO MÍNIMA	DURAÇÃO MÁXIMA	DURAÇÃO MEDIANA
TILS Y	LINGUA-DE-SINAIS	48	0.259	3.951	0.759
TILS X	MESMO2	02	0.700	3.443	2.071
TILS Y	EU	11	0.120	0.680	0.256
TILS X	BEBER1	09	0.082	2.420	1.001

Tabela 5: Duração de Sinais (em milésimos de segundo)

Essa variação na extensão do tempo de realização do sinal, em sua duração, confirma que um mesmo sinal pode variar significativamente. Acreditamos que essa possibilidade de variação é utilizada pelos TILS como uma estratégia de monitoramento da interpretação. Da mesma forma, observamos também que a repetição dos sinais, de seu movimento e de sequências de sinais, também são empregadas como estratégias de monitoramento. A investigação do uso dessas estratégias pode trazer importantes informações acerca do processamento, monitoramento e produção da interpretação por parte dos TILS. Considerando-se isso, decidimos verificar o que motivou o significativo prolongamento do sinal (LINGUA-DE-SINAIS e MESMO2) e o que esse prolongamento significaria no TA, em ambas as situações, com o objetivo de verificar o que isso pode nos informar acerca do processo de interpretação simultânea para a LS.

O TILS Y prolonga o sinal LINGUA-DE-SINAIS (846) devido ao fato de não ter acesso ao enunciado completo. Antes de completar a proposição “mesmo quando a sinalização de um texto acaba implicando em construções sem sentido e lógica”, a oradora insere algumas informações no texto e o intérprete precisa aguardar até que o enunciado esteja completo. O TILS Y afirmou o seguinte, com relação ao trecho em que encontramos o prolongamento de LINGUA-DE-SINAIS:

Aqui ela dá uma, nesse trecho “que acaba implicando na sinalização sem sentido”, ela dá uma pausa. Parece que ela tinha ideia de um pensamento e mudou de ideia no meio do caminho, e com isso a minha sinalização. Por isso eu fico repetindo ali o LINGUA-DE-SINAIS, LINGUA-DE-SINAIS, LINGUA-DE-SINAIS, LINGUA-DE-SINAIS, LINGUA-DE-SINAIS pra esperar a conclusão do pensamento dela. Isso eu considero como uma estratégia de interpretação, até pra não parecer para o meu público que houve essa interrupção ou que talvez eu não esteja entendendo aquilo tá sendo dito. TILS Y

É interessante notar que, após o prolongamento do sinal, o TILS faz uma marcação corporal (847) e repete novamente o sinal (848) para prosseguir com o texto. Além disso, antes de prolongar o sinal, com o intuito de ouvir o sentido completo do enunciado, o TILS prolonga TEXTO2 (839), LER1 (843) e PORTUGUES (844) e, também, repete o sinal LER1 (843=841) e um trecho da interpretação TEXTO2 – APONTAR1 (839-840=841-842), para assim poder ouvir a mensagem completa.

Mesmo quando a sinalização de um texto (2.390)	442	836. ENTAO* (299)
	Da (221)	837. TEXTO2 (941)
	372	838. APONTAR1 (450)
em- né que eles tão sinalizando um texto (2.000)		839. TEXTO2 (1.239)
	894	840. APONTAR1 (551)
		841. LER1 (609)
da língua portuguesa (1.160)		842. APONTAR1 (252)
	618	843. LER1 (1.177)
		844. PORTUGUES (1.162)
mesmo quando a sinalização desse texto ele cons- (3.218)		845. APONTAR1 (520)
	898	846. LINGUA-DE-SINAIS (3.951)
		847. ENTAO* (219)
acaba implicando em construções sem sentido e lógica (3.504)		848. LINGUA-DE-SINAIS (1.089)
		849. PENSAR1 (381)
		850. PARECER (390)
		851. LINGUA-DE-SINAIS (690)
	903	852. ENTAO* (538)
		853. SENTIR* (542)
os alunos às vezes continuam normalmente a leitura, né (3.124)		854. NAO-TER (598)
		855. LINGUA-DE-SINAIS (795)

No caso do TILS X, verificamos que o prolongamento do sinal (MESMO2) coincide com uma pausa significativa no TF. Assim, ao invés de pausar a interpretação, o TILS prolonga o sinal até ouvir a continuação do enunciado, e assim poder prosseguir com a interpretação. Devido ao fato de não ter acesso ao enunciado completo, o TILS aguarda a complementação do enunciado para que o mesmo possa, de fato, ser inteiramente processado e o sentido do mesmo seja construído em LS. Os sinais (703 e 704) que antecedem o sinal MESMO2 (705) também foram prolongados.

esse processo de leitura (2.088)	248	702. COMO (900)
Ele vai o tempo inteiro se construir (2.425)		703. LER1 (1.757)
	2.716	704. DESENVOLVER (1.682)
eh (416)		705. MESMO2 (3.443)

522	
por meio da língua de sinais (1.575)	
213	706. POR-CAUSA-DE (675)
né ou seja o processo (1.672)	707. LINGUA-DE-SINAIS (634)

Ambos os TILS, apresentaram uma motivação comum para o prolongamento do sinal, a saber, a necessidade de se ter acesso ao enunciado completo, ao sentido da mensagem, para só então concluir a interpretação que já haviam iniciado. Essa é uma restrição que se impõe à interpretação simultânea. O intérprete precisa monitorar sua interpretação de acordo com o ritmo do orador. Nesse sentido, enunciados incompletos não são passíveis de serem processados e fazem com que o TILS, quando não consegue inferi-los, empregue algumas estratégias na interpretação, tais como o prolongamento da duração de sinais e a repetição de sinais, e, em alguns casos, menos comuns em nossos dados, até mesmo, significativas pausas. Portanto, esses fatores podem indicar tanto uma intensificação da atividade cognitiva e, por consequência, do esforço em compreender o que se quer dizer, quanto uma quebra no processamento cognitivo, o que, por sua vez, pode acarretar em certa perda do ritmo cognitivo e, até mesmo, num problema de interpretação que envolve tomada de decisão acerca de como lidar com essas variações e incompletudes no TF.

Da mesma maneira que os prolongamentos e as repetições estão sendo identificados como estratégias empregadas na interpretação para a LS, o ato de abreviar sinais, reduzir seu tempo de realização, e, também, o de condensar enunciados devem ser considerados também estratégias. Entretanto, embora tenhamos observado tais estratégias de abreviação e condensação, não nos deteremos nelas neste texto. Isso pelo fato de as mesmas não terem se destacado, como foi o caso dos prolongamentos e das repetições.

Embora os intérpretes possam, durante a interpretação simultânea, até mesmo, antecipar enunciados, ressaltamos que eles precisam do enunciado completo para que possam inferir qual é, de fato, a *mensagem*, o *sentido*, a *idéia*, que o orador pretende comunicar, visto que, como destacamos anteriormente, o intérprete trabalha com o *sentido*, a *mensagem*, a *idéia* expressa nos/ pelos enunciados (Seleskovitch, 1978; Lederer, Seleskovitch, 1989; Gile, 1995, 1999). O processo de interpretação simultânea não se realiza por meio da tradução de palavra-por-palavra, visto que o sentido que o falante quer dar aos enunciados não pode ser conhecido através do processamento das palavras ou das frases isoladamente.

Como apontam os sujeitos da pesquisa, certos marcadores conversacionais, hesitações e pausas, quando impedem a compreensão imediata da *mensagem* que está sendo veiculada no enunciado, imporão ao intérprete certas restrições, as quais o obrigarão a se ajustar ao ritmo

do orador. Os sujeitos da pesquisa pontuam que, diante da impossibilidade de se ter acesso imediato ao que se pretende comunicar, devido, principalmente, às hesitações e às pausas “*inapropriadas/ demasiadas*” (que impedem a produção de um enunciado completo ou de uma palavra inteira), eles precisam empregar algumas estratégias para a manutenção do fluxo de produção do TA. Chamamos atenção para a afirmação do TILS Y de que, nessas situações, ou você *abaixa o braço*, ou *faz um sinal mais devagar* ou, ainda, *repete o sinal mais de uma vez*; e, também do TILS X de que, às vezes, e necessário *esperar* e, por sua vez, usar a *expansão* e a *repetição*. Some-se a isso, o fato de que tais estratégias foram recorrentes durante a interpretação do texto, em ambos os sujeitos.

ESTRATÉGIAS EMPREGADAS NA INTERPRETAÇÃO ¹⁶				
	PROLONGAMENTO	REPETIÇÃO	%*	%**
TILS Y	140	27	12,04	2,32
TILS X	162	24	13,24	1,96

Tabela 6: Estratégias

* Porcentagem de sinais com prolongamento em relação ao total de sinais.

** Porcentagem de repetição de sinais em relação ao total.

Em algumas situações, os prolongamentos e as repetições coincidem em um mesmo sinal, visto que, numa sequência que se repete, um de seus sinais pode ser prolongado. Além disso, uma das maneiras de se prolongar um sinal é a repetição de seu movimento. Alguns desses casos foram identificados como repetição e não como prolongamento. Nesse sentido, são necessárias pesquisas capazes de melhor definir o que diferenciaria o prolongamento e a repetição do movimento do sinal, a qual resulta inevitavelmente no aumento da duração do mesmo. E, também, que investiguem em que condições os intérpretes empregam um mesmo sinal realizando-o de forma mais breve e em que condições o empregam prolongando-o. Ou seja, em que circunstâncias os intérpretes realizam um determinado sinal de forma breve ou o prolongam?

Outro aspecto relevante diz respeito às hesitações e às pausas nos TA. Ao tratar dos significados e das funções das pausas na LO, Goldman-Eisler (1968) argumenta, dentre outras coisas, que a maioria dos períodos de fala consiste não somente da fala em si, mas, também, de intervalos silenciosos de duração variável. Segundo Goldman-Eisler (1961 *apud* Gerver, 1969), a maioria das pausas na fala (nesse caso no inglês) têm menos de 0,5 segundos de duração, sendo que somente de 20% a 40% estão entre 0,5 e 1 segundo, 12% a 20% entre 1 e

¹⁶ Foram contabilizados somente os prolongamentos e as repetições relacionados às hesitações e pausas no texto fonte que impediram o acesso do intérprete ao enunciado completo ou àqueles que se relacionaram à problemas de interpretação ou possíveis tomadas de decisão.

2 segundos e pouquíssimas acima de 2 segundos. Nesse sentido, os textos orais, inclusive os do português, são constituídos pelos intervalos de silêncio, os quais têm a função de, não somente permitir que o falante respire, mas de permitir que o mesmo planeje, organize, estruture e signifique o texto. Pouco mais de 21% do TF usado nesta pesquisa consiste de pausas¹⁷, o que equivale a aproximadamente 3 minutos de silêncio, nos 13,5 minutos que o texto possui.

Com base nesses apontamentos, é interessante notar que os TA tiveram, em relação ao TF, um número bem reduzido de efetivas pausas, dito de outro modo, de momentos em que o intérprete de fato colocou os braços *em repouso* por mais de 250 milésimos de segundo¹⁸. Portanto, aferimos no TA do TILS Y somente vinte momentos de efetivas pausas (aproximadamente dezoito segundos no total) e no do TILS X dezesseis momentos (aproximadamente vinte segundos no total). Nenhuma dessas pausas ultrapassou 2,5 segundos. Essa diferença significativa, entre as pausas no TF e as pausas no TA, evidencia certo efeito da diferença de modalidade sobre a organização da interpretação simultânea em LS. Esse fato nos faz pensar que na interpretação em LS, assim como na interpretação simultânea entre LO, grande parte dos intervalos de pausa do TF é preenchida com a interpretação e, nesse sentido, as pausas do TA não irão, necessariamente, seguir as do TF.

Além disso, como foram mais comuns o prolongamento de sinais e sua repetição (reprodução do sinal ou de seus movimentos), como estratégias de monitoramento da velocidade de produção do TA em relação à velocidade de recebimento do TF, é possível inferir que – devido à modalidade espaço-visual da LS e à não-necessidade de o TILS pausar a produção do TA para respirar e/ ou para melhor ouvir o TF sem a interferência de sua própria voz, visto não estar usando a fala oral – o uso de pausas na interpretação em LS é essencialmente diferente do uso de pausas na interpretação entre LO.

Ao investigar o efeito da taxa de produção da língua fonte sobre a interpretação simultânea, Gerver (1969) notou que a taxa de produção da interpretação tende a se tornar menos variável, mesmo com o aumento da taxa de produção do TF. Além disso, seus dados evidenciaram que os intérpretes foram capazes de otimizar sua fala, falando mais e pausando

¹⁷ Para tal contabilização, consideraram-se somente as pausas iguais ou superiores a 100 milésimos de segundo. Duração Total das Pausas = 20,97% (2'50"). Duração Total de Fala = 79,03% (10'40").

¹⁸ É difícil precisar a identificação de pausas breves no texto em Libras, visto que na maioria das vezes o fim de um sinal coincide com o início do próximo. Isto é, o intérprete pode até parar por instantes, sem, contudo, desfazer a configuração de mão usada na realização do sinal. Portanto, consideramos como pausa somente os momentos em que, além de alterar a configuração de mão, o intérprete parou os braços, os abaixou ou uniu as mãos em frente ao corpo, por mais de 250 milésimos de segundo, antes de prosseguir à realização do próximo sinal.

menos até uma velocidade de produção do TF de 120 palavras por minuto¹⁹, sendo que a partir dessa taxa de produção os intérpretes passaram a pausar mais e a falar menos, ficando para trás e cometendo, assim, mais omissões e mais erros. Nesse sentido, podemos afirmar que o aumento de falhas, bem como de pausas no fluxo de produção do TA, podem indicar, assim como as pausas no processo de tradução (Alves, 2003, 2005; 2007), certa sobrecarga do processamento cognitivo, durante a interpretação, possíveis problemas de tradução ou processos de tomada de decisão. Nas palavras de Gerver (1969: 184),

surge a descrição de um sistema de manipulação de informação que está sujeito à sobrecarga, caso necessário, para realizar processos mais complexos numa velocidade muito mais rápida e para lidar com a sobrecarga, alcançando um estado constante de produção à custa de um aumento de erros e omissões. Há evidência de que a atenção nesse sistema é compartilhada entre a recepção da mensagem, os processos envolvidos na tradução de uma mensagem anterior e o monitoramento do *feedback* da produção. Sob condições normais, a atenção pode ser compartilhada entre esses processos, mas quando a capacidade total do sistema é excedida, menos atenção pode ser dada à recepção ou à produção, embora, de qualquer modo, a interpretação prossiga. Assim, menos material está disponível para ser recuperado pela tradução e mais omissões e erros não corrigidos ocorrerão.²⁰

Segundo Chernov (2004: 17), pesquisas evidenciam que os intérpretes tendem a manter seu fluxo de produção do TA dentro de um determinado limite, a despeito do aumento da taxa de produção do TF. Assim, quando o orador aumenta o fluxo de produção do TF, os intérpretes também aumentam o fluxo de produção do TA. Entretanto, só o fazem até determinado limite, visto que existem restrições na capacidade da memória de curto prazo e nas estratégias empregadas durante a interpretação simultânea.

Considerando-se as taxas de produção do TF e de cada um dos blocos dos TA, é possível afirmar que o aumento da taxa de produção de sinais nos TA, não coincide necessariamente com o aumento da taxa de produção de palavras no TF. Entretanto, é possível que isso ocorra devido ao fato de que a variação na taxa de produção do TF, considerando-se cada bloco, não é muito significativa (variação máxima de cerca de 15%). Entretanto, como a pesquisa não foi realizada com a finalidade de verificar a relação entre as

¹⁹ Taxa de produção do inglês e de algumas línguas européias, considerada limite para a realização da interpretação simultânea em boas condições (Gerver, 1969; Chernov, 2004).

²⁰ *The picture emerges of an information handling system which is subject to overload if required to carry out more complex processes at too fast a rate and copes with overload by reaching a steady state of throughput at the expense of an increase in errors and omissions. There is evidence that attention is shared within this system between the input message, processes involved in translating a previous message, and the monitoring of feedback from current output. Under normal conditions, attention can be shared between these processes, but when the total capacity of the system is exceeded, less attention can be paid to either input or output if interpretation is to proceed at all. Hence, less material is available for recall for translation, and more omissions and uncorrected errors in output will occur.*

variações nos fluxos de produção do TF e dos TA, o TF não foi manipulado com o objetivo de ter trechos variando significativamente em sua taxa de produção.

BLOCO	TP. TF**		TA (TILS Y)				TP. TF**		TA (TILS X)			
	TP. TA**	PRO*	REP*	INT*	PSA*	TP. TA**	PRO*	REP*	INT*	PSA*		
01 25"03	2,48 1,82	02	03	02	–	2,48 1,55	06	–	–	–		
02 2'44"09	2,19 1,55	22	03	01	02	2,19 1,53	41	05	01	–		
03 1'40"23	2,27 1,49	15	03	03	01	2,27 1,17	14	03	–	02		
04 1'50"06	2,26 1,45	21	02	01	01	2,26 1,51	24	04	–	02		
05 2'15"23	2,48 1,49	24	10	03	05	2,48 1,54	22	04	–	04		
06 3'10"15	2,46 1,36	38	05	02	09	2,46 1,53	42	07	04	06		
07 56"14	2,56 1,36	13	01	01	01	2,56 1,34	11	01	–	01		
08 16"15	2,35 1,31	05	–	–	01	2,35 1,67	02	–	–	01		

Tabela 7: Ocorrências por Bloco

* PRO – prolongamento REP – repetição INT – interrupção PSA – pausa

** TP. TF – taxa de produção do texto fonte/ TP. TA – taxa de produção do texto alvo

De qualquer maneira, é possível inferir que os TILS coordenam o fluxo de produção do TA, em relação ao fluxo de produção do TF, por meio da manutenção de certo ritmo em seu processo de interpretação e do uso de estratégias. Em nosso caso, as estratégias que se destacaram foram o prolongamento e a repetição de sinais e, em alguns casos, até mesmo, efetivas pausas, as quais, predominantemente, tiveram a função de aguardar a continuidade do TF.

Enfim, tanto as interrupções momentâneas no fluxo de produção do TF, quanto as significativas variações em seu fluxo, exigem que o TILS se monitore constantemente e, até mesmo, resista ao controle externo que o orador exerce sobre o seu fluxo de produção. Observamos que, considerando-se cada um dos blocos, o fluxo de produção varia entre, aproximadamente, 50 e 70% da taxa de produção nos blocos correspondentes do TF.

BLOCO	Fluxo de Produção*	
	TILS Y	TILS X
01	73%	63%
02	71%	70%
03	66%	52%
04	64%	67%
05	60%	62%
06	55%	62%
07	53%	52%
08	56%	71%

Tabela 8: Fluxo de Produção

* Porcentagem do fluxo de produção do texto alvo em relação ao fluxo de produção do texto fonte

Com o intuito de verificar, mais precisamente, o impacto do fluxo de produção do TF sobre o TA escolhemos dois trechos do TF com as seguintes características: (1) trecho A²¹ – maior trecho produzido sem pausas e (2) trecho B²² – produzido com significativas pausas, inclusive com a maior pausa encontrada.

Texto Fonte	DURAÇÃO	PPS*	DL**		Texto Alvo	DURAÇÃO	SPS*	DM***	%****
Trecho A (457) (38 palavras)	8.708 8''17	4,65	53%	TILS X	Trecho A (1179-1196) (18 sinais)	10.440 10''11	1,78	0.523	38,27
				TILS Y	Trecho A (1127-1140) (14 sinais)	9.141 9''03	1,55	0.570	33,33
Trecho B (255-267) (38 palavras)	18.593 18''14	2,09	39%	TILS X	Trecho B (693-715) (23 sinais)	20.700 20''12	1,14	0.671	54,54
				TILS Y	Trecho B (689-707) (19 sinais)	14.902 14''22	1,34	0.713	64,11

Tabela 9: Fluxo de Produção em diferentes trechos

* Palavras por Segundo e Sinais por Segundo, respectivamente.

** Densidade lexical – itens lexicais (adjetivos, verbos, substantivos), dividido pelo total de palavras, multiplicado por 100.

*** Duração Mediana – duração mediana dos sinais no trecho em milésimos de segundo.

**** Porcentagem do fluxo de produção do texto alvo em relação ao fluxo de produção do texto fonte

O primeiro trecho (A) tem uma duração de aproximadamente 8 segundos e o segundo trecho (B) de 18 segundos, ambos os trechos possuem o mesmo número de palavras, com uma pequena diferença em sua densidade lexical e na quantidade de palavras por segundo, respectivamente 4,63 palavras por segundo e 2,09 palavras por minuto. Nesse sentido, o fluxo de produção do trecho A é pelo menos duas vezes maior que o do trecho B, o que segundo

²¹ “e de todas as especificidades e implicações que isso traz então não quer dizer que é só dizer ‘ah é a segunda língua porque a libras é a primeira’ não é a segunda língua e isso tem implicações”.

²² “nesse processo de leitura e escrita (903) e aqui principalmente vou falar um pouquinho da leitura (744) esse processo de leitura (248) ele vai o tempo inteiro se construir (2716) eh (522) por meio da língua de sinais (213) né ou seja o processo”.

nossa hipótese não favorece o prolongamento de sinais, nem sua repetição, visto não possuir interrupções em seus enunciados e, por sua vez, em sua mensagem. Já o trecho B, com menor fluxo de produção, está repleto de interrupções, sendo que para comunicar a seguinte mensagem “esse processo de leitura e escrita é mediado pela língua de sinais”, existem diversas interrupções e adendos, o que acreditamos favorecer tanto o prolongamento quanto a repetição de sinais.

Trecho A	TILS X	TILS Y
457. e de todas as especificidades e implicações que isso traz então não quer dizer que é só dizer "ah é a segunda língua porque a libras é a primeira" não é a segunda língua e isso tem implicações (8.708)	1179. TAMBEM (458)	
	1180. COISAS2 (762)	
	1181. GRUPO (723)	1127. LINGUA1 (662)
	1182. DELE* (1.077)	1128. SEGUNDO (469)
	1183. NAO (237)	1129. TER (249)
	1184. SO** (337)	1130. VARIOS* (1.661)
	1185. FALAR1 (406)	1131. É* (659)
	1186. PORTUGUES (379)	1132. LINGUA1 (291)
	1187. É* (256)	1133. SEGUNDO (938)
	1188. #L-2 (667)	1134. LINGUA-DE-SINAIS (381)
	1189. POR-QUE (599)	1135. PRIMEIRO2 (311)
	1190. LINGUA-DE-SINAIS (417)	1136. NÃO (530)
	1191. #L-1 (1.078)	1137. LINGUA1 (610)
	1192. MAS* (536)	1138. SEGUNDO (380)
	1193. TER (510)	1139. POR-QUE (820)
	1194. COISAS2 (819)	1140. EXPLICAR (1.180)
1195. PROGRAMA1 (695)		
1196. APONTARI (484)		

Tabela 10: Trecho A interpretado

Ao interpretar o trecho A, o TILS Y realiza dois prolongamentos nos sinais VARIOS* (1130) e EXPLICAR (1140) e o TILS X, por sua vez, somente um prolongamento no sinal DELE* (1182). Atribuímos o prolongamento dos sinais VARIOS* e DELE* à necessidade de se conhecer o início do enunciado “ah é a segunda língua porque [...]”. Notamos também que o TILS Y não sinaliza a idéia “não quer dizer que é só dizer”, o que vai indicar, junto à mudança de voz da oradora, que o que será dito a seguir trata-se de um discurso direto. Entretanto, ambos os intérpretes marcam o discurso direto deslocando o olhar e o corpo, sinalizando de forma mais marcada e usando mais o movimento da boca (*mouthing*). O prolongamento do sinal EXPLICAR pelo TILS Y, ao final de sua interpretação desse enunciado, tem a função de permitir que ele aguarde o próximo enunciado, sem ter que realizar uma pausa em sua sinalização.

Trecho B	TILS X	TILS Y
	693. ENTAO* (82)	
255. nesse processo de leitura e escrita (2.301)	694. COMO (609)	689. POR-CAUSA-DE (713)
256. 903	695. LER1 (809)	690. TEMPO4 (795)
257. e aqui principalmente vou falar um pouquinho da leitura (2.770)	696. ESCREVER1 (1.422)	691. PESSOA2 (572)
258. 744	697. PAUSA (1.159)	692. SURDO (542)
259. esse processo de leitura (2.088)	698. FALAR1 (697)	693. LER1 (1.071)
260. 248	699. PRINCIPAL* (223)	694. ESCREVER1 (1.428)
261. ele vai o tempo inteiro se construir (2.425)	700. APONTAR2 (280)	695. COMO (2.230)
262. 2716	701. LER1 (1.601)	696. ENTAO* (191)
263. eh (416)	702. COMO (900)	697. ESCREVER1 (971)
264. 522	703. LER1 (1.757)	698. POR-CAUSA-DE (589)
265. por meio da língua de sinais (1.575)	704. DESENVOLVER (1.682)	699. LINGUA-DE-SINAIS (771)
266. 213	705. MESMO2 (3.443)	700. XPOR-CAUSA-DEX (249)
267. né ou seja o processo (1.672)	706. POR-CAUSA-DE (675)	701. ESCREVER1 (1.180)
	707. LINGUA-DE-SINAIS (634)	702. APONTAR1 (271)
	708. APONTAR1 (669)	703. PENSAR1 (459)
	709. ÚNICO* (440)	704. LINGUA-DE-SINAIS (1.070)
	710. APONTAR1 (441)	705. ANOTAR1 (517)
	711. LINGUA-DE-SINAIS (446)	706. LINGUA-DE-SINAIS (553)
	712. APONTAR1 (671)	707. ANOTAR1 (730)
	713. EU (365)	
	714. SURDO (214)	
	715. LER1 (1.300)	

Tabela 11: Trecho B interpretado

Já na interpretação do trecho B, encontramos, no caso do TILS Y, 5 prolongamentos (693, 694, 695, 701, 704) e 1 repetição de uma sequência de sinais (704, 705=706, 707) e, no do TILS X, 6 prolongamentos (696, 701, 703, 704, 705, 715), 1 pausa (697) e 1 repetição de uma sequência de sinais (707, 708=711, 712). Certamente, trechos com menor densidade lexical e com mais interrupções do enunciado, favoreceram o uso de estratégias de prolongamento e repetição por parte dos TILS. Um aspecto interessante é que o TILS Y gasta cerca de 20% menos tempo em sua sinalização do que tem o trecho no TF. Isso se deve à necessidade de o mesmo se ajustar ao ritmo do orador, já que se deteve por um tempo maior no enunciado anterior, o que o levou, inclusive, a omitir o trecho do TF “e aqui principalmente vou falar um pouquinho da leitura”. Nesse sentido, é possível afirmar que, mesmo dispondo de um tempo menor, as interrupções do enunciado interferiram diretamente no fluxo da interpretação.

Enquanto o TF foi produzido com 4,65 palavras por minuto, ambos os TA tiveram uma velocidade de produção cerca de 60% menor no trecho A. Já no trecho B, os TA também tiveram um fluxo de produção menor, de, aproximadamente, 40%. Isso nos permite pensar que, mesmo com a variação do fluxo de produção do TF, os TILS monitoram o seu próprio fluxo de produção, ajustando-o às suas necessidades. Assim, empregam estratégias para

monitorar a atividade que estão realizando. Em nosso caso, estratégias de prolongamento de sinais e de repetição de sinais, por exemplo.

Entretanto, observamos que tais estratégias ocorrem, também, em momentos em que não são verificadas pausas significativas no TF. Esse fato nos leva a inferir que prolongamentos de sinais e repetições não expressam somente a ausência ou a interrupção dos insumos do TF, mas, inclusive, momentos de possíveis problemas de interpretação, de tomadas de decisão que vão além do monitoramento do fluxo durante sua interrupção. Um exemplo disso é o prolongamento do sinal ACOSTUMAR2 (1163) num momento em que não há nenhuma pausa superior a 100 milésimos de segundo no TF. Tal prolongamento parece indicar que o conceito “letrado” constitui um problema para o TILS X, que tem que decidir sobre como interpretar esse conceito no seguinte enunciado “esse tornar-se letrado numa segunda língua”. Vejamos.

	1159. LER1 (701)
	1160. TEXT03 (1.081)
esse tornar-se letrado numa segunda língua que é o caso dos alunos surdos (4.301)	1161. COMO (174)
	1162. EU (246)
	1163. ACOSTUMAR2 (1.700)
836	1164. #T-L-E-T-R-A (1.538)
a gente precisa considerar então (1.956)	1165. #L-2 (1.580)

Embora o TILS X tivesse acesso ao enunciado anterior, “[...] *no processo de de letramento desses alunos desse contato (779) com o texto escrito (445) esse tornar-se **letrado** numa segunda língua que é o caso dos alunos surdos*”, no momento em que ele se depara com o conceito “letrado”, ele não encontra um termo correspondente na LS, fato que o leva ao prolongamento de ACOSTUMAR2 (1163). Nesse sentido, o TILS opta por realizar um empréstimo do conceito, ao invés de traduzi-lo. Todavia no momento de soletrar “letrado”, o intérprete soletra #T-L-E-T-R-A e prossegue. A tomada de decisão com o TF em curso acarreta em um erro de datilologia: a colocação de um “T” antes de “L-E-T-R-A” e a incompletude do termo que deveria ser “L-E-T-R-A-D-O”. Sobre esse momento, o TILS X afirmou o seguinte:

Na hora de escrever letrado eu faço T, pois eu tava esperando o que vem. E eu não termino a palavra, eu dou uma vacilada. Eu pensei assim: “eu posso fazer um sinal aqui agora? Mas qual o sinal que faço?” Eu estava pensando num sinal pra letrado, pra não escrever. Mas como eu não encontrei, aí eu errei aqui. É, foi isso com certeza! TILS X

No caso do TILS Y é possível também citar um exemplo interessante. Em outro trecho, também sem pausas superiores a 100 milésimos de segundo, encontramos dois prolongamentos significativos nos sinais ENSINAR (367) e ESCREVER1 (369). Vejamos.

Um diálogo com estudos sobre o letramento de grupos socioculturais minoritários como por exemplo os indígenas (6,292)

então a partir do momento que eu posso explorar essa esse diálogo com essas pesquisas eu entendo melhor a relação (5,044)

365. **COMPARAR** (1.629)

366. **COMO** (541)

367. **ENSINAR** (1.143)

368. **ENTAO*** (375)

369. **ESCREVER1** (1.052)

504 370. **XTEXTO2X** (410)

371. **ESCREVER1** (540)

372. **#LETRAMENTO** (1.909)

373. **COMO** (651)

374. **ENTAO*** (200)

375. **EXEMPLO** (530)

376. **INDIO*** (1270)

O primeiro prolongamento, no sinal COMPARAR (365), tem a finalidade de aguardar a complementação do enunciado. Entretanto, o próximo prolongamento, no sinal ENSINAR (367) indica que possivelmente a expressão “grupos socioculturais minoritários” constitui um problema de interpretação. Isso fica evidente na breve hesitação, ENTAO* (368), seguida do prolongamento do sinal ESCREVER1 (369) e de uma interrupção no sinal XTEXTO2X (370), acompanhado de uma correção, expressa pela retomada do sinal ESCREVER1 (371) e do prosseguimento da interpretação, visto que nesse momento o TILS ouviu o trecho “como por exemplo os indígenas”, optando por não traduzir “grupos socioculturais minoritários” e indicar somente o “como por exemplo os indígenas”.

Os exemplos, citados acima, evidenciam que diante de problemas de interpretação, em momentos de tomadas de decisão, os TILS também podem prolongar sinais. Nessa direção, é possível afirmar que estratégias de prolongamento e repetição servem como recursos de escuta e/ ou reflexão para tomadas de decisão, frente (i) à interrupção de insumos do TF, (ii) à necessidade de aguardar o enunciado completo e/ ou (iii) aos problemas de interpretação.

CONCLUSÃO

Em conclusão, é possível afirmar que o monitoramento da interpretação relaciona-se ao fluxo de produção do texto processado e se torna perceptível no TA na administração da

extensão dos sinais, visto que a duração de um mesmo sinal varia significativamente de acordo com o que o TILS está a traduzir. Enunciados incompletos, interrompidos, no TF implicam o emprego de estratégias, tais como o prolongamento e a repetição de sinais, com o objetivo de manter certo ritmo sequencial na construção da mensagem, sem imputar a ela interrupções (hesitações e pausas) que possam comprometer a construção do sentido no TA, ou dar a idéia de que o TILS está parado devido à sua incapacidade de compreender o texto ou de produzir sua interpretação.

É importante destacar que a maneira de lidar com o TF varia muito de situação para situação e de intérprete para intérprete. Portanto, estabelecer generalizações, padrões ou normas para o processo de interpretação não é tarefa simples e, muito menos, o propósito da pesquisa. De qualquer forma, é interessante notar os aspectos comuns em ambas as interpretações, os quais certamente indicam as estratégias empregadas pelos TILS durante o processo de interpretação do Português para a Libras. Os aspectos destacados acima demonstram que, de fato, existem diversos fatores relacionados à modalidade que interferem no processo de interpretação simultânea, inclusive na interpretação de uma LO para uma LS, e, também, evidenciam características desse processo, bem como as estratégias empregadas pelos TILS durante a atividade interpretativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALVES, F. Tradução, cognição e contextualização: triangulando a interface processo-produto no desempenho de tradutores novatos. *D.E.L.T.A.*, v. 19, n. esp.: trabalhos de tradução, 2003. pp. 71-108.
2. ALVES, F. Ritmo Cognitivo, meta reflexão e experiência: parâmetro de análise processual no desempenho de tradutores novatos e experientes. In: ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. pp. 109-172.
3. ALVES, F. Cognitive effort and contextual effect in translation: a relevance theoretic approach. *Journal of Translation Studies* 10(1), 2007. pp. 57-76.
4. BEHLAU, M.; PONTES, P. *Avaliação e tratamento das disfonias*. São Paulo: Lovise, 1995.
5. BRITO, L. F. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

6. CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A.C.; *Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira*. São Paulo: Edusp, 2010.
7. CHERNOV, G. V. *Inference and anticipation in simultaneous interpreting: a probability-prediction*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2004.
8. COTES, C. O uso das pausas nos diferentes estilos de televisão. *Revista CEFAC*, v. 9, n. 2, São Paulo, 2007. Disponível em
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151618462007000200012&lng=en&nrm=iso> Acesso em 10 jan 2011.
9. DÖRNYEI, Z. *Research methods in applied linguistics: quantitative, qualitative and mixed methodologies*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
10. FERNANDES, E. *Linguagem e surdez*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
11. GERVER, D. The effects of source language presentation rate on the performance of simultaneous conference interpreters. In: FOULKE, E. (ed.) *Proceedings of the 2nd Louisville Conference on Rate and/or Frequency Controlled Speech*. University of Louisville, 1969. pp. 162-184.
12. GILE, D. *Basic concepts and models for interpreter and translator training*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1995.
13. GILE, D. Testing the effort models' tightrope hypothesis in simultaneous interpreting - a contribution. *Hermes, Journal of Linguistics*, 23, 1999.
14. GOLDMAN-EISLER, F. The Distribution of Pauses in Speech, *Language and Speech* 4, 1961. pp. 232-7.
15. GOLDMAN-EISLER, F. *Psycholinguistics: experiments in spontaneous speech*. London: Academic Press, 1968.
16. GRBIC, N. Where do we come from? What are we? Where are we going? A bibliometrical analysis of writings and research on sign language interpreting. *The sign language translator & interpreter*, 1:1. 2007. pp. 15-51.
17. GUTT, E. A. *Translation and relevance: cognition and context*. London: Blackwell, 1991.
18. GUTT, E. A. *Translation and relevance: cognition and context*. (ed. aum. rev.) Manchester: Saint Jerome, 2000a.
19. GUTT, E. Translation as interlingual interpretive use. In: VENUTI, L. (ed.). *The translation studies reader*. London and New York: Routledge, 2000b. pp. 376-396.

20. ISHAM, W. On the relevance of signed languages to research in interpretation, *Target* 7, 1995. pp. 135-149.
21. KLIMA, E.; BELLUGI, U. *The signs of language*. Cambridge: Harvard University Press, 1979.
22. KYRILLOS, L. R.; COTES, C. E FEIJÓ, D. *Voz e corpo na TV: a fonoaudiologia a serviço da comunicação*. São Paulo: Editora Globo, 2003.
23. LEDERER, M.; SELESKOVITCH, D. The interpretation process. In: LEDERER, M.; SELESKOVITCH, D. A. *Systematic approach to teaching interpretation*. Paris: European Communities, 1989, pp. 21-26.
24. LEITE, T. A. *A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. 2008. 280f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
25. MATTOSO CÂMARA, J. *Manual de expressão oral e escrita*. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1966.
26. MCCLEARY, L. E.; VIOTTI, E.; LEITE, T. A. Descrição das línguas sinalizadas. A questão da transcrição dos dados. *Revista Alfa*, n. 54 (1), 2010.
27. MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: *Congresso Internacional da ABRALIN*, 4, 2005, Brasília. Simpósio Língua de Sinais e Bilinguismo, pp. 1-28.
28. OCHS, E. Transcription as theory. In: OCHS, E.; SCHEFFLIN, B. B. (Ed.) *Developmental pragmatics*. New York: Academic, 1979. pp. 43-72.
29. PADDEN, C. A. Simultaneous interpreting across modalities. *Interpreting*. n.5, v.2, 2000/01. pp. 169-185.
30. PÖCHHACKER, F.; SHLESINGER, M. (eds) *The interpreting studies reader*. London and New York: Routledge, 2002.
31. PÖCHHACKER, F. Issues in interpreting studies. In: MUNDAY, J. *The routledge companion to translation studies*. London: Routledge. 2009. pp. 128-140.
32. QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
33. QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L. Aquisição da língua de sinais brasileira: constituição e transcrição dos corpora. In: SALLES, H. (Org.) *Bilinguismo e surdez. Questões linguísticas e educacionais*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007. pp. 49-72.

34. QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L. *Língua brasileira de sinais IV*. Curso de graduação de Letras Libras. CCE/UFSC, 2009.
35. SELESKOVITCH, D. *Interpreting for international conferences*. Washington: DC, Pen and Booth, 1978.
36. SILVA, G. M.; RODRIGUES, C. H. Lingüística Aplicada e Língua de Sinais: em busca de uma nova perspectiva de ensino de Libras. In: *SEMINÁRIO NACIONAL DE PEDAGOGIA SURDA*, 2, Vitória: Centro de Educação da UFES, 2007. pp. 368-380.
37. YAN KA LEE, G. *A comparison of sign language and spoken language rate of articulation and primacy effect*. Dissertação (Bacharelado em *Speech and Hearing Sciences*). Universidade de Hong Kong. 1993.

ABSTRACT: This work reflects about some processing features related to performance of Sign Language Interpreters and how they deal with the modality effects. For this, we used data from an empirical-experimental study which draws on the performance of two groups who interpreted an oral text from Portuguese to LSB: Group A – bilinguals natives in Sign Language – CODA and Group B – bilinguals non-natives in Sign Language. Video Recording, Retrospective Think-aloud Protocols and questionnaires were used as methodological tools for the data collection. For the data transcription process and annotations we used EUDICO Linguistic Annotator. Therefore, this work cross-examines and analyses how two Sign Language Interpreters employ enlargement and repetition of signs as strategies for monitoring of the delay from the time of reception of the utterances of source text to the beginning of utterance of target text production. The analysis carried out contributing to understand the importance of conscious monitoring of the sign language interpretation process. Then, we consider the specialty of interpretation from an oral language, Portuguese, to the visual-spatial language, LSB, and we notice that study about interpreter performance in the language pair LSB-Portuguese offers an area of analyses that refers to possible effects in which the difference in the modality have implication to the interpretation process. Finally, the analysis suggests that enlargement and repetition strategies support the lag time and/ or the reflection for decision making when (i) inputs from the source text stop, (ii) utterance is not full and/ or (iii) problems of interpretation arise.

KEYWORDS: Modality Effects; Sign Language; Interpreting Process.

Recebido no dia 03 de junho de 2012.

Aceito para publicação no dia 06 de agosto de 2012.